

Escolas baianas adaptam ensino à realidade da região

Maria Lúcia Sigmaringa

SALVADOR, Bahia — Elas são crianças entre sete e dez anos de idade, em fase de alfabetização ou cursando as primeiras séries do primeiro grau. Mas, em vez de freqüentar escolas regulares, como seus colegas das grandes cidades, aprendem, além do Português, da Matemática e de Ciências, a plantar suas próprias hortas, cozinhar, costurar e tem em seu currículo noções básicas de higiene. Os quase mil alunos da Escola Tina Carvalho, a menos de 100 quilômetros de Salvador, participam de uma iniciativa inédita no país: um ensino totalmente voltado para a realidade da região — uma tentativa de se diminuir sensivelmente o índice de evasão escolar, que, no Nordeste, chega a mais de 70%.

A Tina Carvalho foi criada há três anos e meio pela Fundação José Carvalho e faz parte de um projeto maior do empresário que deu nome à Fundação. Proprietário da Ferbasa (Ferroligas da Bahia), José Carvalho possui várias escolas no estado, todas voltadas para a melhoria da educação do homem do campo. O Colégio Técnico Fundação José Carvalho, por exemplo, é uma escola profissionalizante de segundo grau que forma técnicos em mineração, computação e tradutores de inglês. Seus alunos são escolhidos entre os melhores que cursaram escolas de primeiro grau em toda a região.

Exemplo — Os resultados obtidos na Tina foram considerados tão bons que a Vitae — uma entidade civil sem fins lucrativos, mantida pela Fundação Lampadia e famosa por oferecer ótimas bolsas de estudo no setor cultural — resolveu apostar na experiência. Sexta-feira passada,

foi inaugurada a segunda escola na Bahia com o mesmo método de ensino, a Rolf Weinberg, que recebeu US\$ 980 mil de doação da Vitae. Na prática, no entanto, a Rolf já está funcionando desde o mês de março com 150 alunos. As duas escolas devem, dentro em breve, auto-sustentarem-se, com a produção de queijo e leite.

Tanto a Rolf quanto a Tina são escolas de alternância. Isso significa que as crianças passam apenas três períodos de 30 dias na escola, intercalados por dois meses que voltam para casa e continuam então o seu desenvolvimento escolar com tarefas diárias a serem cumpridas. É que nessas regiões os filhos precisam, desde muito pequenos, ajudar nos trabalhos de campo e, por isso, não têm tempo para freqüentar escolas comuns. Professores itinerantes são designados para visitar os alunos em casa, corrigindo tarefas, orientando e avaliando.

“O importante é que não tentamos alienar essas crianças de sua cultura e famílias”, conta a coordenadora de ensino pedagógico da Fundação José de Carvalho, Marilena Ferreira. “O que queremos é enriquecer sua visão de mundo para que possam desenvolver melhor seu potencial em seu próprio ambiente.” Uma tarefa muito difícil, já que só o fato de tirá-las de casa representa uma mudança drástica.

Cuidados — Para tentar atender a esse objetivo, vários cuidados têm que ser tomados. Os professores, por exemplo, são profissionais do próprio estado, treinados para esse método diferente de ensino. O material didático é todo produzido na própria escola a partir de métodos tradicionais adaptados à realidade regional e enriquecido com técnicas próprias. O Conselho Estadual de Educação deu uma licença provisória de funcionamento a essas escolas, com um

prazo de dez anos para comprovarem a eficácia de sua experiência.

A rotina dessas crianças é árdua, mas certamente não mais do que estão acostumadas em suas casas. Acordam às seis horas e estudam até 17 horas, com pequenas interrupções para as refeições. Durante duas horas todos os dias praticam ensinamentos nas hortas, na cozinha e ajudam na limpeza. “É que em casa elas estão acostumadas a cumprir essas tarefas e se mudarmos a rotina elas acabam sem querer voltar para lá”, explica a diretora da Rolf, Rosanete Fernandes, uma administradora de empresas baiana.

Como a primeira turma ainda está se formando este ano, há vários detalhes a serem corrigidos mas, pelo menos, o índice de desistência diminuiu bastante: dos 148 alunos que se matricularam em 1987, apenas 36 desistiram — a maioria por motivos pessoais —, 35 estão se formando na quarta série, 33 na terceira e 20 na segunda. Apenas 12 crianças não conseguiram passar da primeira série.

Nos 364 alqueires de terra que cada escola possui, existe uma superestrutura não só educacional, como também para a produção de leite e queijo. Funcionários da fundação trabalham no local e a intenção é que, já no ano que vem, tanto a Rolf quanto a Tina já estejam se auto-sustentando. O investimento para a montagem de cada uma destas escolas gira em torno de US\$ 2 milhões e US\$ 3 milhões. “Nossa intenção é que outras empresas acompanhem esta iniciativa”, diz José Carvalho, que não considera o governo apto para executar este tipo de projeto.